



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do novo complexo minero-industrial – Copebrás

Catalão – GO, 15 de abril de 2003

Meu caro governador do estado, Marconi Perillo,
Senhor Robert Robertson, vice-presidente da Anglo-American,
Senhor José Michaan, sócio-fundador da Copebrás,
Senhor Nelson Pereira dos Reis, diretor-presidente da Copebrás,
Senhor Adib Elias Júnior, prefeito de Catalão,
Senhor Michelangelo Falino, diretor-executivo da Copebrás,
Meus companheiros deputados, senadores, dirigentes sindicais e partidários,
Meu caro senador Maguito Vilela,
Meu caro Íris Resende,
Meus amigos e minhas amigas,

Quando participo de uma solenidade como esta – e eu estou aprendendo, como Presidente da República, a ser sempre o último a falar – eu já não posso mais falar de Catalão, porque o Prefeito falou. Eu já não posso mais falar de Goiás, porque o Governador falou. E já não posso mais falar da Copebrás, porque quatro já falaram.

Entretanto, eu queria lembrar a vocês este país extraordinário onde moramos, país que poderia ter aproveitado melhor as oportunidades históricas que se apresentaram e que, muitas vezes, pela pequenez da política, pelo fato de os governantes transformarem os seus estados, os municípios ou o Brasil em propriedade deles, algumas oportunidades foram jogadas fora.

E eu tenho dito aos quatro cantos do país: eu não vou jogar fora essa oportunidade. Primeiro, porque o Brasil não é do Lula, o Lula é que é brasileiro. O Brasil pertence a 175 milhões de brasileiros, o nosso mandato é de apenas quatro



anos e, portanto, nós temos que fazer o esforço que for necessário para que possamos, nos quatro anos, deixar alguma coisa plantada para que os nossos filhos e os nossos netos possam colher.

Eu trago sempre a imagem – e falo muito de futebol, porque não tem um brasileiro que não entenda de futebol – de uma oportunidade que, uma vez, um técnico deu a um “crioulinho” brasileiro. Eu sei, Marconi, você é muito jovem, mas em 58, o Vicente Feola não queria nem convocar o Pelé, porque ele não tinha idade. Ele era muito jovem, magrinho. “Esse jovem não vai ter chance, então não vou levá-lo”.

Mas, como Deus existe, levaram o Pelé. E ele ficou na reserva. Ele entrou, possivelmente, no jogo mais difícil que o Brasil fez, na Copa de 58, contra o País de Gales. E ele marcou o único gol do Brasil naquele jogo. E, daquele jogo em diante, ele se transformou no atleta do século, no mais importante jogador que a humanidade já viu jogar.

Por que citei a figura do Pelé? Porque o Prefeito falou em algo chamado auto-estima. O Prefeito falou em algo chamado esperança. O Prefeito disse que as pessoas precisam acreditar que essa parte do Brasil, aqui, pode ser vista como a parte do Brasil que dá certo.

Todos vocês se lembram que eu terminei a campanha dizendo que a esperança tinha vencido o medo. E comecei o meu mandato dizendo que eu ia começar fazendo o necessário, depois eu ia fazer o que era possível e, quando menos esperasse, estaríamos fazendo o impossível neste país.

Tenho clareza do que quero, tenho clareza dos passos que precisamos dar e tenho clareza do que vamos encontrar no final da nossa estrada. O Brasil precisa dar uma chance a si mesmo. E, nas poucas vezes em que o Brasil se deu uma chance, nós demos um salto de qualidade excepcional na nossa história. Primeiro, com a visão industrial de Getúlio Vargas. Depois, com o Plano de Metas e o otimismo apregoado por Juscelino Kubitschek. E não podemos deixar de lembrar a visão estratégica de desenvolvimento a longo prazo que os militares introduziram



durante metade do tempo em que estiveram no Governo.

De lá para cá, meu caro governador Marconi Perillo, o Brasil deixou de ser pensado estrategicamente. O Brasil passou a ser pensado em função do mandato das pessoas. O mandato de quatro anos é uma visão pequena, porque o estadista não pensa no seu mandato. O estadista pensa nas gerações seguintes. Foi assim que as grandes obras da humanidade foram realizadas. Não foram feitas com imediatismo, não foram feitas com pressa e não foram feitas pensando-se nas próximas eleições.

Nós, agora, temos uma chance provar que é possível se fazer muita coisa neste país. Não esqueço nunca: quando tomei posse, alguns especialistas diziam que nós não íamos conseguir controlar a economia brasileira porque o risco-Brasil estava muito alto, porque o dólar estava a quatro reais e porque a inflação estava voltando. Pois bem, nós estamos apenas com três meses e meio de Governo. O risco-Brasil, que chegou em setembro a 2.400, está a menos de 900 e, certamente, comemoraremos juntos o dia em que chegará a 600 ou a 500, porque um país da dimensão do Brasil, um país com o potencial intelectual, agrícola e tecnológico que o Brasil tem não pode oferecer risco a qualquer investidor estrangeiro. O que acontece é que, muitas vezes, governantes do nosso país tiveram relações com outros países de forma subalterna, de forma subserviente, sem defender os interesses e, ao mesmo tempo, sem ter uma definição de desenvolvimento de longo prazo para o nosso país.

O BNDES, que tem uma parceria com a Copebrás, pode fazer muito mais pelo Brasil. Durante muito tempo, o dinheiro do BNDES foi utilizado ou para salvar empresas falidas ou para dar dinheiro para empresas estrangeiras comprarem empresas brasileiras, sem gerar um único emprego. Mas, quando o BNDES pega 40 ou 50 milhões de reais e vem a uma cidade longínqua como Catalão e deposita aqui parte dos recursos do povo brasileiro, na perspectiva de acreditar no crescimento, o resultado é este que estamos vendo: uma empresa surge, os empregos surgem, a distribuição de renda surge, a melhoria da qualidade de vida do povo começa a



surgir e nós começamos a acreditar que não há por que não ser otimista e que temos que colocar em cada palavra saída da nossa boca uma dosagem muito grande de otimismo.

A Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil podem fazer muito mais, meu caro Marconi Perillo, do que foi feito nos últimos anos. Fui a Londrina, nesta semana, e anunciei que, ao invés dos 15 bilhões de reais de financiamento para a agricultura, que foram dados nos anos anteriores – muitas vezes, liberando o dinheiro depois que já havia passado a fase propícia –, nós vamos começar a liberar no mês de maio, e não vão ser mais 15 bilhões. Vão ser 18 bilhões de reais do Banco do Brasil para a agricultura brasileira sobreviver. Da mesma forma, vamos dobrar o dinheiro investido na agricultura familiar, que, se não gera tantos empregos, gera trabalho e garante que as pessoas permaneçam na sua terra natal, sem se transformarem em sem-terra ou favelados nas grandes metrópoles do nosso país.

Eu estou convencido de que a “fera” está sendo domada. Não que as coisas estejam fáceis, porque a economia brasileira está fragilizada. É importante lembrar que quando tomamos posse no dia primeiro de janeiro, não havia um dólar de crédito para nenhuma empresa brasileira que quisesse exportar. Nem quando houve a moratória decretada pelo presidente Sarney, os bancos estrangeiros perderam a confiança, como perderam neste último ano. Nunca havia ocorrido, na história do Brasil, de os credores deixarem de financiar as nossas exportações. Nunca. E devagarzinho, com muita paciência, com muita conversa, com muito jeito e com muito gesto, recuperamos a credibilidade.

Marconi, eu quero te agradecer publicamente. Você aceitou o convite de pronto, quando eu convidei os 27 governadores para começar a discutir as reformas. E você, Marconi, talvez não tenha noção do que aquela reunião trouxe de credibilidade ao nosso Governo e de credibilidade às reformas que nós precisamos fazer neste país. Amanhã teremos outra reunião. E, se Deus quiser, amanhã marcaremos a data em que iremos dar entrada nos projetos de reforma tributária e da Previdência no Congresso Nacional.



Quem sabe, daqui a uma semana, estaremos, eu, os 27 governadores, os líderes dos partidos, o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social e, quem sabe, mais algumas dezenas de pessoas, atravessando a praça, do Palácio do Planalto para o Congresso Nacional. Vamos entregar os projetos das reformas que, na minha opinião, não irão salvar o Brasil de amanhã, mas irão garantir que a gente tenha, no futuro, os estados brasileiros com recursos para investir no setor produtivo, em habitação, em educação, em saneamento básico. E não gastando metade ou mais da metade do dinheiro apenas com as aposentadorias que nós pagamos hoje.

Eu estou convencido, meu caro Governador, de que o momento histórico está a exigir de nós um pouco mais de desprendimento. Eu tenho dito que não haverá um deputado, não haverá um senador, independentemente do partido a que ele pertença, independentemente do voto que ele deu nas últimas eleições ou do voto que ele dará nas próximas eleições; não haverá um empresário neste país, independentemente do que ele pensa ou não do Presidente da República; não haverá um sindicalista neste país, independentemente do que ele pensa, que não terá a sua chance de participar das discussões e dizer o que pensa do Brasil, o que gostaria que acontecesse no Brasil, para que a gente possa, ao elaborar um outro projeto de desenvolvimento, ter clareza de que este projeto não é do Presidente, é um projeto extraído como síntese daquilo que pensa a sociedade brasileira. E fazer com que esse desenvolvimento se dê concomitantemente com o processo de distribuição de renda no Brasil.

Esta semana, nós fizemos uma grande reunião de uma câmara social que criamos. E eu notei que os recursos públicos destinados às políticas sociais estão muito pulverizados. São quase 7 bilhões de reais em vários programas. Eu tenho a impressão, meu caro Governador, de que, alguns anos atrás, os ministros criavam programas sociais pensando nas eleições. Porque não eram propostas de governo, eram propostas do ministro. Cada ministro criou um planozinho na sua pasta. E você tem me chamado a atenção, desde que tomei posse, dizendo: "Presidente Lula, vamos unificar essas políticas sociais. Vamos criar uma única forma de fazer o



dinheiro chegar à mão das pessoas.” Assim, o governo federal entra com uma parte, os governos estaduais entram com outra parte, as prefeituras que puderem entram com outra parte, mas vamos, pelo amor de Deus, dar dignidade a este povo para que ele não fique todo mês numa fila à espera de uma cesta básica para poder ter as calorias e as proteínas que o ser humano precisa para sobreviver. Vamos tentar otimizar esses recursos, para que a gente possa fazer muito mais, e fazer com que o dinheiro chegue na ponta, onde nós queremos que chegue, e não pare no meio do caminho com as intermediações que habitualmente acontecem nas políticas sociais do nosso país.

Eu vim, hoje, participar da inauguração da Copebrás. Primeiro, porque eu tinha um compromisso com o Governador. Segundo, porque durante parte da minha vida, acho que visitei todas as situações negativas neste país. Não tem um foco de miséria, neste país, que eu não tenha visitado. E, como Presidente da República, eu quero continuar visitando, porque quero encontrar a solução. Mas, também, preciso visitar as coisas que estão acontecendo de bom no nosso país.

A Copebrás é uma demonstração, até provocativa para nós, brasileiros. Se pessoas estrangeiras acreditam no Brasil e, ao invés de ficarem especulando no sistema financeiro, vêm aplicar o seu dinheiro em Bebedouro, em Catalão, ora, por que nós, brasileiros, não acreditamos neste país? Por que nós, brasileiros, ficamos nos tratando como se o Brasil não fosse nada, como se este país não desse certo, como se os outros fossem melhores do que nós? Não existe lugar melhor do que este país, não existe povo melhor do que o brasileiro.

Eu participei, nos últimos 45 dias, de três encontros com empresas multinacionais. E ouvi, nas três empresas, a afirmação de que os trabalhadores brasileiros preparados são capazes de produzir mais do que qualquer trabalhador, de qualquer parte do mundo.

Eu me lembro de um tempo, meu caro Marconi, em que um ex-ministro importante dizia: “A agricultura brasileira não dá certo. É preciso trazer japonês para trabalhar aqui.” Está lembrado disso? Isso ficou famoso, na década de 70.



E, hoje, o que a gente constata? O Brasil não precisava trazer japoneses. O Brasil precisava de oportunidade, de tecnologia, de investimento. Diziam que o cerrado não era bom para a agricultura. E, com um pouco de manejo da terra, o cerrado virou uma das melhores terras para a agricultura neste país. Por quê? Porque um dia alguém resolveu acreditar que era possível.

Então, eu vim aqui para dar a demonstração de que não sou o melhor, mas eu duvido que haja, hoje, na face da Terra, um ser humano que acredite mais neste país do que eu. Não há. Acredito e vou trabalhar para que as coisas aconteçam. Vou trabalhar 24 horas por dia, se for necessário, para fazer acontecerem as coisas em que nós acreditamos.

Nós precisamos parar com o pessimismo. Quando se dizia, há 50 anos: “Vamos alfabetizar o Brasil”, respondiam: “Não, não pode, porque custa muito”. “Vamos fazer a reforma agrária”, 50 anos atrás. “Não, não pode, porque custa muito.” “Vamos investir na formação da nossa gente.” “Não, isso não pode, porque fica muito caro.”

Hoje, nós temos que perguntar: quanto custa a este país não ter alfabetizado seu povo há 50 anos? Quanto custa para este país não ter feito a reforma agrária há 40 ou 50 anos, quando o mundo inteiro fez? Agora, estamos correndo atrás do prejuízo. E vamos correr, porque nós queremos fazer o que precisa ser feito.

Quero agradecer à Direção da Copebrás e dizer para vocês que todo e qualquer empresário, neste país, que tiver a disposição de fazer parceria com o governo federal e precisar de recursos do pouco que nós temos, no BNDES, para fazer investimento, pode ficar certo que se eu tiver que optar entre uma empresa falida de um amigo do Presidente e uma empresa que queira investir para gerar novos empregos, os novos empregos irão receber o dinheiro do BNDES, porque é assim que a gente vai dar a demonstração de que o Brasil que nós queremos é um país com mais qualidade de vida, com mais dignidade e com mais respeito ao ser humano.



Acabou o tempo do apadrinhamento. Acabou o tempo em que o “amigo do rei” conseguia os empréstimos e aqueles que queriam produzir não conseguiam empréstimo. Agora, entrou o tempo da justiça, ou seja, aquele que tiver direito vai receber o que lhe é de direito, aquele que não tiver direito vai ficar falando mal do Governo em algum lugar deste país.

Não vamos recriar a política dos favores, neste país. Não vamos. E, agora, nós queremos chamar a sociedade – e os governadores vão entrar – porque, logo, entrará em discussão o Plano Plurianual do governo federal, onde vamos estabelecer a nossa estratégia de desenvolvimento para o futuro e, em agosto, teremos que entregar ao Congresso Nacional.

E espero, meu caro Marconi Perillo, que você, quem sabe, daqui a uns dois ou três anos, me convide outra vez para vir aqui, ao estado de Goiás, inaugurar uma outra fábrica. E vamos começar a medir, com instrumento preciso, o que aconteceu neste país a partir do dia 1º de janeiro. E não tenho dúvida nenhuma de que vamos recuperar a capacidade de crescimento do país e, aos poucos, vamos recuperar o salário do povo trabalhador. Vamos fazer distribuição de renda, porque, nos últimos 30 anos, se vocês pegarem todos os indicadores sociais, vão perceber que a massa salarial é como se a gente estivesse fazendo um cardiograma de um defunto, ou seja, não se mexe nos últimos 30 anos, o que é um crime contra este país.

Então, eu estou aqui, meus amigos da Direção da Copebrás, para dizer a vocês: se tiverem mais dinheiro para investir e precisarem da parceria do BNDES, não contem até dez: comecem a investir hoje mesmo, porque nem nós e nem vocês podemos perder tempo.

Obrigado.

/mcpro/lrj/vpm